

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

ERLEYSY RIANNY AZEVEDO SANTOS

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA EX- ALUNA DE EJA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS,
EDUCAÇÃO E TRABALHO**

CUITÉ- PB

2017

ERLEYSY RIANNY AZEVEDO SANTOS

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA EX-ALUNA DE EJA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS,
EDUCAÇÃO E TRABALHO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Leticia Caporlândia Giesta.

CUITÉ – PB

2017

UFMG/BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237h

Santos, Erleysy Rianny Azevedo.

História de vida de uma ex-aluna de EJA: experiências vividas, educação e trabalho. / Erleysy Rianny Azevedo Santos. – Cuité: CES, 2017.

41 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFPG, 2017.

Orientadora: Leticia Carpolíngua Giesta.

1. Educação de jovens e adultos. 2. História de vida. 3. Trabalho. I. Título.

Biblioteca do CES - UFPG

CDU 374.7

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano à Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cuité, para a obtenção do título de Especialista.

ERLEYSY RIANNY AZEVEDO SANTOS

Monografia apresentada em: ___/___/___

Orientadora (a) Profa. Dra. Leticia Caporlândia Giesta.

1º Examinador (a) Profa. Dra. Cláudia Pátricia Oliveira Santos.

2º Examinador (a) Prof. Dr. José Justino Filho.

Coordenadora Profa. Dra. Cláudia Pátricia Oliveira Santos.

AGRADECIMENTOS

Meu Deus, eu te sou muito grata por este presente maravilhoso que é o dom da vida! Agradeço por sempre fortalecer meu coração e minha fé, pela paciência, pelo amor de cada dia, pelos momentos de aprendizado e sabedoria. Agradeço pelos familiares, amigos e namorado que o Senhor colocou em meu caminho. Algumas deles me guiam, me alegram, me defendem, me desafiam e me encorajam a ser uma pessoa a cada dia melhor. Agradeço também por todas as bênçãos, realizações, vitórias que na tua infinita bondade colocastes na minha vida. Eu Te agradeço, Senhor, pelos momentos bons e alegres e os difíceis que me ocorreram. Cada um deles, ao seu modo, me fez ser uma pessoa madura, compreensiva, forte e digna. Foi a minha jornada de tropeços, vitórias e derrotas, que me fez enxergar o verdadeiro significado a beleza da vida.

RESUMO

O presente trabalho traz um estudo sobre o perfil de uma ex-aluna de EJA, da cidade de Cuité-PB. Foi realizada uma entrevista, na qual a entrevistada narra suas experiências vividas, apontando os motivos que a levaram a abandonar os estudos e quais as causas que a fizeram retornar os estudos, as dificuldades enfrentadas no decorrer da formação escolar e profissional e quais razões que a incentivaram voltar a estudar. A partir desses fatores, o estudo objetiva analisar conceitos de educação de jovens e adultos e Economia Solidária a partir da história de vida narrada por uma ex-aluna de EJA da cidade de Cuité-PB. O estudo permite também avaliar se o trabalho desenvolvido tem potencial para o desenvolvimento de uma Economia Solidária. Assim, aborda-se, com base na história narrada, que a entrevistada possui características diversificadas, porém marcantes, como o desejo de continuar os estudos, mesmo diante dos problemas enfrentados, como de poucos recursos financeiros, gestação e outros. Com relação ao trabalho que exerce, percebemos que não atende a alguns princípios da Economia Solidária, como da autogestão e democracia.

Palavras chaves: EJA, história de vida, trabalho.

ABSTRACT

The present work presents a study about the profile of a former student of EJA, from the city of Cuité-PB. An interview was conducted, in which the interviewee narrates her experiences, pointing out the reasons that led her to drop out of school and what causes her to return to school, the difficulties faced during her school and professional training, and what reasons Encouraged to re-study. Based on these factors, the study aims to analyze concepts of youth and adult education and Solidary Economy based on the life story narrated by a former EJA student from the city of Cuité-PB. The study also allows to evaluate if the work developed has the potential for the development of a Solidary Economy. Thus, it is approached, based on the narrated history, that the interviewee has diverse but striking characteristics, such as the desire to continue studies, even in the face of the problems faced, such as low financial resources, gestation and others. With regard to the work it carries out, we realize that it does not meet some principles of Solidarity Economy, such as self-management and democracy.

Keywords: EJA, Life's history, job.

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

ECOSOL – Economia Solidária.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 OBJETIVOS.....	12
2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
2.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1 História de vida através da oralidade um meio de resgatar o passado não documentado.....	13
3.2 Alunos da EJA.....	14
3.3 Evasão e Retorno Escolar.....	15
3.4 Economia Solidária e suas características.....	18
3.5 Inclusão de pessoas através da Economia Solidária.....	22
3.6 Entendendo a Educação Popular.....	23
4 METODOLOGIA.....	26
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
APÊNDICES.....	42
ANEXOS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Estudar histórias de vida é uma forma de reviver o passado, é viver as memórias, é uma transmissão de conhecimentos a partir da vivência com o sujeito. Segundo Monteiro e Moura (2012), as histórias de vida compõem um precioso instrumento pedagógico e caminho metodológico no procedimento de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma vez que colabora para a compreensão da valorização das especificidades que compõem a identidade do indivíduo.

Entendermos que os tipos de especificidades desses jovens e adultos é muito complexo, pois cada um deles passou por diferentes situações em determinados momentos de sua vida e possui também uma trajetória de vida distinta. Isto resulta por influenciar no aprendizado escolar, acarretando abandono da escola; interferindo na vida familiar, pessoal entre outros aspectos. Por diferentes histórias e razões, essas pessoas decidem reiniciar e dar continuidade aos estudos descobrindo novos conhecimentos e caminhos que podem ser úteis no seu dia a dia e até mesmo no trabalho.

A educação de jovens e adultos é vista como uma modalidade educativa que surge como uma oportunidade para essa parcela da população que não teve acesso ao ensino regular na idade adequada, ou tiveram que desistir antes da conclusão dos estudos (FERREIRA; FERREIRA; SILVA, 2011). Porém, segundo Ajala (2011), essa modalidade é vista por muitos apenas como uma forma de conclusão de ensino, mas que uma parcela significativa desse público almeja a permanência dos estudos para ter um melhor futuro, seja no trabalho ou na vida pessoal.

A educação de jovens e adultos abrange diferentes tipos de pessoas que têm a precisão de conciliar o trabalho “sofrido” com a procura de obter informações e conhecimentos em busca do sustento da família. Neste caso, a educação seria um meio de melhoria para que este trabalhador adquirisse um papel essencial na formação da sociedade, o qual passaria a ser visto como um transformador de sua

cultura para se chegar à economia solidária (ARRUDA, 2014). Nesse caso, a economia seria vista como solidária, igualitária e cooperativa.

Segundo Costa (2007), a economia solidária vem sendo bastante discutida no Brasil e no mundo, em resposta da pobreza e do desemprego. Associações, cooperativas e outros grupos têm como características gerar trabalho e renda para trabalhadores em geral, que se encontram excluídos do mercado formal de trabalho. Possibilitando, assim, melhor inclusão desses na sociedade.

Para compreendermos melhor o público da EJA é necessário conhecer o caminho que cada indivíduo percorreu, assim utilizamos a história oral. Sendo esta uma fonte básica para desenvolver o trabalho, pois de acordo com Bueno (2008), as fontes orais permitem de uma forma organizada, o conhecimento e compreensão de valores sociais, religiosos e educacionais, normas, comportamentos veiculados por esta oralidade.

O presente trabalho teve como objetivo analisar conceitos de Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária, a partir da história de vida narrada por uma ex-aluna de EJA da cidade de Cuité-PB. Procura mostrar a realidade e experiências vivenciadas que ocorreram no passado até os dias atuais. As informações foram obtidas a partir do diálogo, observando o indivíduo a partir do relato da memória, tornando este trabalho mais interessante, pois poderão ser explorados aspectos da realidade histórica que normalmente não são documentados ou não são valorizados. Diante desse contexto, este estudo implica relatar a história pessoal como também profissional, mostrando que ao conhecer aspectos da vida de uma determinada pessoa, pode-se identificar como estes influenciaram nas suas escolhas e atitudes. Portanto, o estudo da vida do sujeito é de suma importância, pois permite um melhor conhecimento e compreensão de valores sociais, místicos, educacionais e culturais, como também acompanhar as mudanças que foram ocorridas durante um determinado tempo e o desenvolvimento das pessoas na sociedade.

Propõe-se, com esta pesquisa, contribuir para o conhecimento mais aprofundado da realidade vivenciada pelos jovens e adultos da modalidade de EJA, partindo das suas experiências vividas, das dificuldades e superações, que muitos

não conhecem e muito menos valorizam. A ideia sobre a narrativa dessa mulher nos possibilitará interpretar e analisar a sua biografia e, em especial, as trajetórias escolares, levando-nos a compreender como os contextos não escolares contribuíram para que a permanência e/ou retorno à escola se realizasse, mostrando-nos o verdadeiro significado da escola em seu processo de formação como também na sua vida pessoal.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral: analisar conceitos de Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária a partir da história de vida narrada por uma ex-aluna de EJA da cidade de Cuité-PB.

2.1.1 Objetivos Específicos:

- Descrever as experiências vividas;
- Apontar os motivos que levaram a estudar e trabalhar;
- Analisar as maiores dificuldades enfrentadas no decorrer da formação escolar e profissional;
- Identificar os pontos positivos e/ou mudanças que o estudo proporcionou em sua vida pessoal e no trabalho;
- Avaliar se o trabalho desenvolvido tem potencial para o desenvolvimento de uma economia solidária.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 HISTÓRIA DE VIDA ATRAVÉS DA ORALIDADE UM MEIO DE RESGATAR O PASSADO NÃO DOCUMENTADO

A oralidade é vista como um recurso de testemunho, sendo empregada desde a Antiguidade, desde o século XVIII. Hoje em dia, é considerada uma ferramenta da pesquisa qualitativa, o método de história oral é usado não só por historiadores, mas também por cientistas sociais, antropólogos, educadores e profissionais das distintas áreas das Ciências Humanas. Deste modo, a história oral surgiu com o intuito de valorizar as memórias das pessoas, resgatando as diferentes experiências vividas que ocorreram no passado (CORRÊA; GUIRAULD, 2009).

As autoras Mato e Senna (2011) relatam que: “podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado”, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. Diante disso, dizemos que a memória é construída no presente a partir de conhecimentos advindos do passado. Isto, a partir das recordações, emoções, sentimentos e ações individuais e/ou coletivas que estão sempre interligados.

Como a história oral está associada à metodologia de histórias de vida, Paulilo (1999) explica que “[...] a história de vida (está) no quadro amplo da história oral que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias”. Estes elementos são essenciais para interpretação e análise de relatos históricos individuais. Quando se trata de entrevistas, temos a possibilidade de um determinado encontro, onde podemos evidenciar percepções de sentimentos, emoções, angústias entre outros, como também de conhecer e aprofundar os

saberes e conhecimentos de uma determinada realidade, resgatando, através do diálogo, as experiências vividas.

3.2 ALUNOS DA EJA

A educação designada a jovens e adultos apresenta uma identidade diferente do ensino regular. Considerando que essa distinção não é apenas com relação à especificidade etária, mas, essencialmente, a uma questão de especificidade sócio-histórico-cultural (FERRARI, 2011). Isso acontece devido à desigualdade social, à pobreza, à falta de oportunidades, principalmente a de emprego, e às condições dignas de vida. Essas condições fazem com que as pessoas de baixa renda encarem mais problemas no acesso à escola e também na continuação dela.

De acordo com Barbosa (2012), uns dos principais motivos que fazem os jovens, quando crianças, desistirem do estudo é o fator econômico, pois eles sentem necessidade de buscar meios que complementem a renda familiar, em alguns casos através da agricultura, já que muitos fazem parte da zona rural e em outros, no emprego doméstico. No entanto, sabemos que existem outros motivos com relação à trajetória escolar interrompida, principalmente quando se fala das mulheres, pois estas às vezes se casam mais cedo e têm filhos também, o que dificulta o acesso escolar tendo como consequência a evasão desta.

Os jovens e adultos recebidos pela EJA formam um grupo muito diversificado, pois nele encontramos pessoas com várias peculiaridades e histórias de vida bastante diferentes, eles enfrentam e vencem barreiras para estar de volta à escola e lutam todos os dias contra o cansaço e outros obstáculos de sua vida cotidiana para estar na sala de aula. Porém, muitos possuem a autoestima baixa e se sentem excluídos e discriminados pela sociedade ou até na própria escola pelos professores, pois alguns destes como afirmam os autores Oliveira; Lima; Pinto (2012 p.191):

Desvalorizam os saberes prévios que trazem, usam métodos impróprios, a abordagem tradicional dos conteúdos, o trabalho amparado no senso comum, à infantilização do adulto e a falta de relação entre os

conhecimentos escolares e as experiências vivenciadas cotidianamente pelos educandos.

A avaliação da aprendizagem tem sido um dos grandes problemas do desenvolvimento do método pedagógico nas diferentes modalidades de ensino. Segundo Bastiani (2011) é preciso refletir sobre a importância de se discutir a valorização de práticas avaliativas diversificadas, que acompanhem o aluno em seus progressos e dificuldades e forneçam indicadores para o aprimoramento do trabalho pedagógico, na perspectiva de inclusão e emancipação.

A maioria dos problemas educacionais em uma escola muitas vezes é atribuída ao agravamento das desigualdades e exclusão. As situações de exclusão como: repetência, abandono escolar, escolhas de cursos que não atendem as perspectivas e outros são muito graves, pois podem afetar a vida do indivíduo (SOARES, 2007).

São por essas situações e várias outras que o docente deve entender as necessidades de seus alunos, terem flexibilidade, atenção e tolerância. Como também serem mais dinâmicos, responsáveis, criativos e inovadores. É preciso que o professor crie outros métodos de ensino mais organizados para estar preparado para dar respostas às diferenças individuais e sociais desse aluno da EJA, pois o mesmo chega à escola desmotivado, carente e com dificuldades de aprendizagem (SOARES, 2007).

3.3 EVASÃO E RETORNO ESCOLAR

Lourenço e Fernandes (2015, p.40) relatam que o problema da evasão e da repetência escolar no país tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelas redes do ensino público. Conforme Digiácomo (2013), a evasão escolar é um caso crônico em todo o Brasil, sendo muitas vezes passivamente compreendida e tolerada por escolas e sistemas de ensino.

Segundo Silva (2015), a Educação de Jovens e Adultos - EJA tem como finalidade oportunizar aos jovens, adultos, idosos, fora da faixa etária da escolaridade regular a conclusão e continuidade de estudos. Essa educação ainda visa oferecer, oportunidades de escolarização em nível básico e médio à educação profissional, com desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem a formação integral do aluno como cidadão e profissional de qualidade.

Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos - EJA tem apresentado repetitivas situações de abandono escolar. De acordo com Ajala (2011), este abandono é caracterizado quando o aluno deixa de frequentar a escola no período letivo, tornando uma preocupação para escola e seus representantes. Percebe-se que os alunos não se sentem motivados a estudar ou que possuem atrasos na aprendizagem. Sabemos que muitos esforços são feitos por parte da direção e professores para garantirem a permanência dos alunos em sala de aula, porém muitas vezes eles acabam desistindo.

Nesse sentido, é preciso avaliar que a evasão escolar é uma situação problemática, que se determina por uma série de fatores. O autor Ceratti (2008), aborda a falta de interesse e esforço dos alunos para com os conteúdos, pois esses não conseguem perceber a importância dos assuntos de aprendizagem na sua vida diária, pelo contrário, descobrem que aprender supõe apenas memorizar certos conteúdos. O mesmo autor relata outros motivos, estes alegados por pais e/ou responsáveis e pelos próprios alunos, tais como: a distância da escola até suas casas, a dificuldade em se adquirir os conhecimentos básicos, a opção ou a necessidade de desenvolver uma atividade remunerada, ou atrasos em sua aprendizagem.

Além desses fatores, podemos citar os fatores políticos, econômicos e sociais. Quando se trata do abandono escolar exclusivamente feminino, Nogueira (2003, apud Cardoso, Soares e Clauss, 2015), aponta as dificuldades em que as mulheres têm em permanecer na escola e/ou que não frequentaram quando jovens, isto deve-se ao fato de se casarem muito novas para se libertarem dos pais ou de uma situação de carência econômica ou afetiva, achando que poderiam modificar sua situação, e outro fator é o de se tornarem mães bem jovens.

Uma parte expressiva desse grupo que abandona a escola após um tempo de curso reconhece a falta de conhecimento e ensino em suas vidas retornando assim aos bancos escolares (CERRATI, 2008). Para Santana (1996, apud Ajala, 2011) os alunos buscam a escolarização devido às cobranças impostas pela própria sociedade e acreditam que, dominando as capacidades de ler e escrever poderão conquistar sua independência.

O retorno ao espaço escolar depois de muito tempo afastado é uma decisão bastante difícil, já que a maioria possui família, filhos e trabalho. Porém, essa decisão de dar continuidade aos estudos segundo Oliveira (2013), deve-se ao fato desses jovens e adultos terem sonhos como o de aprender a ler e escrever e a necessidade de melhorar de vida, de encontrar um bom trabalho, de ajudar os filhos nas atividades escolares e além de tudo resgatar o tempo perdido. E, além disso, de cursar uma graduação ou um curso técnico, podendo assim conseguir um emprego melhor e mais valorizado.

O ingresso desse público na escola requer um tipo de apoio e incentivo seja familiar, de amigos, professores e colegas de trabalho. Pois, muitas vezes acabam desistindo quando se deparam com certos obstáculos e dificuldades no decorrer dessa trajetória, como por exemplo: aprender a ler e escrever, dificuldade em determinadas matérias (português e matemática), medo e violência por morar distante da escola e dificuldade de conciliar o trabalho, família e escola (Cardoso, Soares e Clauss, 2015).

Diante dessas circunstâncias, notamos que cada indivíduo possui uma realidade específica. De acordo com (BARRETO, ÁLVARES e COSTA, 2005), são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridas.

3.4 ECONOMIA SOLIDÁRIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Segundo Singer (2002), a Economia Solidária é uma nova forma de gerar renda e trabalho, beneficiando a inclusão social e servindo de opção ao sistema capitalista. Essa economia acontece de forma justa e coletiva, onde todos podem produzir, comprar, vender, sem explorar ou serem explorados, procurando sempre satisfazer as necessidades humanas de todos.

Além disso, a Economia Solidária espera uma transformação de qualidade do sujeito diante da vida e da organização da sociedade, valorizando a capacidade de ensinar e aprender do indivíduo (KRUPPA, 2005), a partir da solidariedade, do diálogo, da autonomia e da autogestão. Ainda de acordo com (KRUPPA, 2005), a Economia Solidária dentro de um contexto social propõe condição de igualdade e direito à diferença, tendo assim, uma sociedade mais justa e democrática, onde as diferenças são respeitadas não gerando desigualdades.

A Economia Solidária busca mudanças na sociedade, de uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado nas grandes empresas, mas a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da sustentabilidade e dos direitos humanos (BERTUCCI; LIMA; TYGEL, et al, 2010). Para desenvolver um empreendimento sustentável é indispensável que todos os integrantes sejam preparados e qualificados para atender os avanços e problemas surgidos (MELO; ARAÚJO, 2015).

A Economia Solidária é analisada de modo que a forma de produção seja uma opção de superação ao capitalismo. Ela prioriza o trabalho coletivo nos meios sociais de produção, a união de associações e cooperativas (SINGER, 2005).

Na produção capitalista temos a exploração do trabalhador, que recebe um valor mínimo e desvalorizado pelas tarefas realizadas. Segundo Lucena; Borba (2015) apud Druck (2000), o capitalismo opta pelo lucro excessivo, divisão de classes, a produção, o consumo em larga escala, o individualismo, a exploração de recursos naturais entre outras que conduzam o mercado de produção.

Nas empresas capitalistas se tem como principal objetivo o lucro, este adquirido apenas pelo proprietário da empresa. Sendo esse lucro procedente dos esforços dos trabalhadores, que vendem sua mão de obra para garantir a sobrevivência (MELO; ARAÚJO, 2015). Diante desse meio de produção, podemos dizer que a economia solidária vê a forma de produção dos trabalhadores sem características subalternas. Essa economia visa um trabalho coletivo onde todos participam e têm os mesmos direitos. Assim:

As relações sociais de produção, no interior da Economia Solidária, pautam-se pela prática da democracia na tomada de decisões. Todos, em princípio, participam delas, cada cabeça tendo um voto. O que requer que todos tenham pleno conhecimento do que se passa com a empresa, não podendo haver, obviamente, "segredo do negócio" (que marca as relações hierárquicas na empresa capitalista) (SINGER, 2005, p.14).

Nesse contexto, todos que participam dos empreendimentos solidários, praticam os métodos participativos da autogestão dos processos de trabalho. Sendo a autogestão uma característica primordial desses empreendimentos. Ela é a forma pela qual a empresa solidária deve se organizar (SOUSA; LIMA, 2015). Isso significa dizer que na economia solidária não existem patrões e empregados, mas cooperados onde os meios de produção cabem a todos que fazem parte do empreendimento.

Para Costa; Lima (2015), a autogestão é essencial na verificação, no crescimento e no desenvolvimento dos empreendimentos solidários, como também de todos os responsáveis pelo processo de desenvolvimento de produção da vida real e das potencialidades humanas.

De acordo com Bertucci; Lima; Tygel et al, (2010), a economia solidária valoriza mais o trabalho do que o capital, colaborando para o desenvolvimento das capacidades das pessoas, com autogestão das atividades econômicas e com a partilha dos resultados do trabalho, considerando o ser humano na sua integralidade como sujeito.

A Economia Solidária é uma maneira diferente de produzir, comercializar, comprar e trocar. Ela é organizada por um conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, constituídos sob a forma de autogestão. De acordo com essa concepção, a ECOSOL, segundo a SENAES (2015) e ARRUDA (2005), possui as seguintes características:

- **Cooperação:** todos trabalham de forma colaborativa, não tendo nenhum tipo de competição, buscam por interesses e objetivos em comum, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva e a partilha dos resultados. Fazem parte das organizações coletivas: associações e grupos de produtores; cooperativas de agricultura familiar; cooperativas de coleta e reciclagem; empresas recuperadas assumidas pelos trabalhadores; redes de produção, comercialização e consumo; bancos comunitários; cooperativas de crédito; clubes de trocas; entre outras.
- **Autogestão:** as escolhas e decisões nos empreendimentos são adotadas em conjunto, privilegiando as contribuições do grupo, como também os fortalecendo ao invés de ficarem centralizadas em um só indivíduo. Todos precisam ter voz e voto. Cada membro do grupo tem o direito de participar da posse e da gestão do empreendimento (definições estratégicas e cotidianas, direção, coordenação, interesses, etc.). A produção autogestionária precisa ser projetada de acordo com as necessidades da comunidade e com o conjunto de empreendimentos que atuam na produção de bens e serviços da comunidade. Os apoios externos não devem substituir nem evitar a ação dos verdadeiros sujeitos da ação.
- **Dimensão Econômica:** é formada por iniciativas com motivação econômica, como a produção, a comercialização, agregação de esforços, a prestação de serviços, as trocas, o crédito e o consumo. As trocas solidárias acontecem de forma em que o produtor e o consumidor saiam ganhando. Para isso, a Economia Solidária propõe uma variedade de modos de trocas de bens e serviços (troca direta de um produto e troca por meio de moeda social).

- **Solidariedade:** preocupação e conscientização com o outro está presente de várias maneiras na economia solidária, como na distribuição justa dos resultados alcançados, na preocupação com o bem-estar de todos os envolvidos (trabalhadores e consumidores), nas relações que se estabelecem com a comunidade, na atuação em movimentos sociais e populares, respeito aos direitos dos trabalhadores e na busca de um meio ambiente sustentável.

Analisando essas características, a Economia Solidária mostra uma nova alternativa de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho, renda e inclusão social. Implicando na reversão da economia capitalista ao se opor à exploração do trabalho e dos recursos ambientais, considerando o ser humano na sua totalidade como sujeito e alvo da atividade econômica.

Para entendermos melhor sobre as diferenças da Economia Solidária x Economia Capitalista, observemos o quadro abaixo:

Quadro 1: Comparação entre Economia Solidária e Economia Capitalista.

Economia Solidária	Economia Capitalista
Decisões são tomadas visando o bem estar	Decisões são tomadas visando o lucro
Trabalhadores não vendem sua força de trabalho	Trabalhadores vendem sua força de trabalho
Trabalho Coletivo	Trabalho Individual
Autogestão Cooperativa	Patrão x Empregado
Empresário gera o empreendimento	Associados geram o empreendimento
Solidariedade	Concorrência/Disputa
Preservação e Respeito	Exploração de Recursos Naturais

Diante dessa comparação podemos identificar que existe uma grande desigualdade entre essas economias. Tais desigualdades resultam da competição generalizada e da forma de organização das atividades econômicas. Segundo Singer (2002), a sociedade seria menos desigual, se toda economia fosse solidária e organizada igualmente pelos que se unem para produzir, comerciar, consumir ou poupar.

3.5 INCLUSÃO DE PESSOAS ATRAVÉS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

O mercado de trabalho está se desenvolvendo cada vez mais rápido, principalmente na área tecnológica e à medida que isso acontece mais exigente e competitivo ele fica, o que dificulta o ingresso de pessoas que não tem escolarização. Nos últimos tempos, a sociedade brasileira presenciou um avanço das mulheres na luta pela inclusão no mercado de trabalho. Avanço este explicado por fatores econômicos, sociais e culturais que de certa forma desfavoreceram boa parte delas (RAMOS, 2011).

Mesmo com esse avanço presenciamos o desemprego e a exclusão de uma parcela da população no mercado de trabalho. Com isso, vários grupos de trabalhadores de ambos os sexos, têm se organizado cada vez mais na busca de trabalhos que gerem renda, apoiando-se em empreendimentos econômicos solidários (RAMOS, 2011).

A Economia Solidária não seria apenas uma forma de gerar renda, mas seria um trabalho coletivo, onde a fabricação de um produto seria feito em conjunto, isso de forma igualitária e organizada. Conforme Arruda (2014 apud Singer, 2002) na economia solidária busca-se a propriedade coletiva, a igualdade de direitos e deveres e a distribuição solidária de renda, em que os associados são tanto trabalhadores como donos de empresa, possuindo tudo que é produzido e recebendo uma retirada que varia conforme a receita alcançada. Sendo esta retirada de acordo com os ganhos.

Segundo (ARRUDA, 2014), a economia solidária vem beneficiando cada vez mais esse público da EJA, fazendo com que eles busquem novas oportunidades de emprego, novos caminhos e maneiras de ver a vida através da reciclagem, do artesanato, da agricultura familiar e do cooperativismo entre outros exemplos, garantindo o sustento da família com a geração de renda, capacitando-os,

descobrimo e compartilhando saberes e incluindo essas pessoas na sociedade, já que eles mesmos se sentem afastados dela.

3.6 ENTENDENDO A EDUCAÇÃO POPULAR

A compreensão mais simples que se nota, inclusive nos dicionários, é de “popular” como sendo algo pertencente do povo, para o povo, que consente às necessidades do povo. Nesse contexto, usaremos a concepção de Paulo Freire, entendendo “popular” como sinônimo de oprimido, aquele que vive sem as condições mínimas para o exercício de sua cidadania e que está fora da posse e uso dos bens materiais produzidos socialmente. Assim, segundo Kautscher (2010), podemos definir a Educação Popular como:

Uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, com metodologias incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas permeado por uma base política estimuladora de transformações sociais e orientado por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade.

Essa educação tem o intuito de atender às necessidades da população excluída dos direitos básicos da existência humana e dos princípios da formação de sujeitos críticos, conscientes e construtores da sua própria história, a partir da sua realidade (MACIEL, 2011). Fazendo com que se tenha uma sociedade mais justa e igualitária.

A educação na Economia Solidária tem como orientação a Educação Popular, que se inspira na pedagogia freiriana e outras pedagogias promovendo a reflexão – ação (NOVAES; CASTRO; VERARDO, 2012). Essas economias nascem através dos movimentos sociais, ocasionadas pelas lutas das classes menos favorecidas em busca de necessidades básicas como também de alternativas que levem às transformações sociais (SOUSA, 2014). Essa busca conseqüentemente leva a uma Educação Emancipatória, também chamada de Educação Popular.

Segundo o autor Zitkoski (2010), a Educação Popular constitui-se em uma variedade de experiências pedagógicas e de formação humana, que convergem

para o desafio da emancipação social e da reinvenção nas formas de produzir a vida em sociedade. Essa produção estaria relacionada a uma nova cultura, solidária, democrática e libertária, que envolvem aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais da vida de cada pessoa. A produção de uma nova cultura na sociedade é um grande desafio, sendo que a Economia Solidária e a Educação Popular buscam atingir esse desafio através da organização do trabalho coletivo. Potencializando o trabalho como princípio educativo para a vida e para a cidadania, como também reconhecendo-o como via de libertação e autonomia (FERRARINI; ADAMS, 2015).

A Educação Popular é contra o sistema capitalista e hegemônico, que visa à modificação na sociedade. Segundo Sousa (2014), essa educação é um processo educacional, que considera os saberes prévios e a realidade dos indivíduos na construção de novos saberes para liberdade do conhecimento e dos sujeitos. Instigando a participação dialógica e um olhar crítico sobre a comunidade.

Essa dialogicidade seria a essência da educação como prática da liberdade. Paulo Freire retrata o diálogo como:

[...] um fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer se ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontramos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõem a buscar, também seus elementos constitutivos. O diálogo é uma exigência existencial. Ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca das idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1987).

Freire também acrescentou a centralidade do diálogo, como uma dimensão da esperança e do cultivo da utopia de que o mundo pode ser transformado. No entanto o diálogo deve estar em constante transformação, já que é uma forma de adquirir conhecimentos e saberes. Conhecimentos esses que devem ser valorizados. Através da Educação Popular e da Economia Solidária segundo Sousa (2014), é possível criar um diálogo com a comunidade, formar cidadãos críticos com consciência de seus direitos, trabalhando com ações que integram a comunidade e desenvolvendo questões que afetam o cotidiano das pessoas.

Nessa perspectiva da Educação Popular de Paulo Freire, o conhecimento tem um papel crítico e transformador. E que na Educação Popular de jovens e adultos,

nesse aspecto, precisa assegurar que a construção e a socialização do conhecimento promovam o diálogo entre o saber popular e o conhecimento científico.

4 METODOLOGIA

Primeiramente foi feito a escolha do perfil de uma mulher da localidade de Cuité-PB e do tipo de entrevista utilizada. Em seguida foi elaborada a produção de um roteiro contendo algumas perguntas que foram feitas durante a entrevista. Sendo o local escolhido pela própria entrevistada, para que assim pudesse se sentir mais à vontade durante seus relatos.

A entrevista escolhida foi do tipo semidirigida que é um meio termo entre a fala única da testemunha e o interrogatório direto. O momento da conversa foi gravado e logo depois realizou-se a transcrição da fala. Esta feita através de anotações, relatando as falas, emoções, sentimentos e ações.

A metodologia empregada foi realizada a partir da história oral, que tem como finalidade de entender e aprofundar sobre o conhecimento da realidade do sujeito, através do diálogo e relatos orais. Para tal pesquisa, foi selecionada uma determinada pessoa que atente ao que se almeja alcançar nos objetivos. Diante disso, a metodologia fundamentada partiu de acordo com Silva et al. (2007).

Alguns critérios práticos e éticos para a condução do método de História Oral, como:

- ✓ Elaboração de um projeto;
- ✓ Definição da pessoa a ser estudada entrevistada;
- ✓ Planejamento da condução das gravações;
- ✓ Transcrição e conferência do depoimento;
- ✓ Autorização para o uso da história;
- ✓ Publicação dos resultados, sempre o que possível.

Segundo Santos (2000), as trajetórias de vida participam do instrumental analítico a ser utilizado na leitura de fontes orais, pois assinalam o universo social do qual provieram e no qual se situam as pessoas entrevistadas. Construir uma trajetória de vida não significa elaborar uma mera biografia do sujeito, pois

transitando por suas lembranças tem-se contato com as práticas e relações sociais do entrevistado, permitindo-nos estabelecer suas mobilidades social e espacial.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mara é uma jovem de 27 anos, de família simples, casada e com apenas uma filha de sete anos. A entrevista foi realizada na cozinha do seu próprio trabalho, na qual relata momentos de sua vida passada até hoje. A princípio narra sua trajetória contando-me de sua família e o local onde morava. De família humilde, ela residia em um sítio chamado Bujari, localizado no município de Cuité –PB, com seus pais e seus cinco irmãos.

Mara, ao descrever sua história, apresenta ser muito animada e divertida, ela guarda boas recordações de sua infância, principalmente quando cursava as primeiras séries iniciais.

"Adorava brincar com minhas colegas...me divertia muito".

Segundo ela, ingressou na escola com sete anos de idade, pois naquela época não podia entrar com idade inferior a essa. Mostrava-se bastante curiosa em relação aos estudos e às novas amizades que poderiam surgir. Seus pais a matricularam e a todos os outros filhos na escola, deixando-os super à vontade para fazerem suas escolhas, já que seu pai não teve oportunidade de estudar, sendo hoje um vaqueiro e agricultor que sustentou sua família a partir destas práticas. Sua mãe ainda teve mais chance estudando até a terceira série, porém não terminou os estudos para ajudar nos serviços de casa e, segundo Mara, ela também não tinha paciência.

Levando em consideração o que foi relatado por Mara, sobre as atitudes dos pais da entrevistada, percebemos que todos os filhos deste casal poderiam escolher entre a escola ou qualquer outro tipo de atividade, lembrando que nenhum era obrigado a trabalhar. Quando questionada sobre o trabalho na agricultura, Mara falou que em momento algum foi forçada a essa tarefa, já para não perder aula, mas que ajudava apenas em momentos de safra na época de colheita e somente nos finais de semana, tendo tempo livre para os estudos.

"Eu e meus irmãos colhia caju e depois tirava as castanhas...as vezes ficava cuidando do almoço, porque eu tinha enxaqueca e passava mal com o cheiro forte do caju".

Neste sentido, podemos ressaltar que Mara foi privilegiada, pois mesmo diante das circunstâncias em que se encontrava e da baixa renda que sua família possuía, ela poderia frequentar a escola normalmente, não tendo que abandonar seus estudos, sendo a agricultura um dos principais fatores que levam ao abandono escolar, segundo Ajala (2011).

Muitas mulheres não tiveram oportunidade de estudar quando crianças, diante da necessidade de trabalhar muito cedo para o sustento da família, cuidavam de crianças, eram domésticas ou trabalhavam na agricultura, perdendo muito tempo de suas vidas, iniciando assim os estudos com uma idade bastante avançada, o que dificultava bastante, não só na questão de aprendizado, mas até no dia a dia escolar, pois muitas dessas se sentiam discriminadas ou envergonhadas. Segundo Oliveira, Lima, Pinto (2012), esse sentimento de exclusão provoca uma baixa autoestima causada pela sociedade e por partes de professores. Quando comparamos o perfil de Mara com essas mulheres, notamos algumas diferenças como, por exemplo, a idade de ingresso na escola, que foi com sete anos, apesar das desistências não passou muito tempo fora da escola terminando seus estudos em uma idade ainda apropriada.

Outra diferença que podemos citar é a questão do casamento, Barbosa (2012), relata que muitas mulheres acabavam se casando ou tendo filhos muito cedo e na maioria das vezes o marido proibi que a mulher permaneça estudando para ficar em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. Diferentemente do caso de Mara, seu marido lhe apoiou quando soube que estava grávida, quando ainda cursava o terceiro ano do ensino médio para que terminasse os estudos no seu momento mais complicado.

"Meu marido estudava também no mesmo colégio, mas em salas diferentes. Eu era mais adiantada que ele. Íamos juntos. Às vezes ele não ia estudar, mas ia me levar e me pegar".

Ela relata que mesmo estando nessa situação, isso não seria um motivo para desistir, apesar dos problemas que iam surgindo (enjoo, tonturas, dores...) e como sua maior vontade era de terminar os estudos, continuou até o fim com ajuda dos amigos e professores que é de suma importância para que não haja a possibilidade de desistência.

"Os professores me entendia quando eu saia da sala de aula ou quando faltava".

"Os professores passava trabalho em grupo ou para eu fazer em casa".

"Minhas colegas sempre me ajudavam com os trabalhos, atividades e matéria perdida".

A pesquisa de Soares (2007) aborda que a maior parte do incentivo para que os alunos permaneçam ou retornem a escola acontece por parte de familiares e colegas.

Alguns alunos de EJA apresentam expectativas e visões diferentes com relação aos estudos, como por exemplo, os alunos mais jovens costumam ter maiores perspectivas com a educação e com um futuro mais promissor. Já com os mais velhos, essas expectativas estão relacionadas à obtenção de conhecimentos básicos, como o de ler e escrever. Diante desse contexto, podemos dizer que Mara apresenta expectativas semelhantes. As falas abaixo mostram:

"Não aprendi muito, mas pelo menos terminei e sei de alguma coisa".

"Tenho meu certificado e depois posso fazer um concurso ou uma faculdade".

"O meu trabalho não precisou dos meus estudos, mas sei que alguns empregos exigem ter mais conhecimento e estudos".

Esta última frase, nos faz refletir sobre o papel do aluno na escola, na sociedade e no trabalho. Muitos não conseguem associar esses fatores à nossa realidade, que cada vez mais vem exigindo uma maior qualificação na sociedade.

"A minha cidade por ser pequena e não ter muita oportunidade de emprego não exige muito estudo e sim experiência, porque a maioria dos empregos são de loja ou mercadinho e na maioria das vezes só é chamado se tiver alguém que indique ou por amizade".

Isto nos remete que a busca de novos conhecimentos e de qualificação profissional depende do local em que o indivíduo está inserido, pois os indivíduos de certa maneira são influenciados pela sua realidade. Portanto, se faz necessário que a EJA prepare os alunos para o mundo que está em constante transformação, mostrando que o certificado não é o mais importante, porque muitos alunos visam a EJA como uma forma mais rápida de terminar os estudos, garantindo o certificado.

"Ainda bem que terminei a EJA e agora tenho meu certificado".

No entanto, ela sabia que se desistisse nesse momento difícil não ia ter mais condições de continuar, já que o filho iria ocupar grande parte do seu tempo. Mara fez um breve comentário:

"Acho que se eu não tivesse feito EJA não teria terminado meus estudos, porque quando comparo o EJA com o ensino normal é bem mais fácil e não é tão puxado, mas não aprendemos muito, porque antes os alunos só saía da turma quando aprendesse tudo direitinho sem errar nada".

Ela continuou falando que tinha muita dificuldade em aprender e que tinha pensando em desistir por isso. Observamos no trabalho de Cardoso, Soares e Clauss (2015) que esse fator faz com que muitos alunos desistam e não retornem às escolas, isto porque sentem muita dificuldade em aprender a ler e a escrever, como também apresentam problemas em algumas matérias como no caso de português e matemática.

"Achava algumas matérias muito complicada, mas gostava muito de ciências e geografia".

E por último a procura de trabalho para o sustento da família. Mesmo ela sendo de família humilde, relata que nunca precisou largar os estudos para recorrer a qualquer tipo de trabalho, mas como queria ganhar seu próprio dinheiro e melhorar as condições de vida, conciliava o trabalho com os estudos, mesmo sendo tão difícil. Essa conciliação dificilmente ocorre segundo Soares (2007), isso acontece porque muitos jovens e adultos preferem o trabalho ao estudo ou pelo simples fato de não saberem conciliar trabalho e estudo, havendo então confrontos entre os estudos e a dimensão da vida que o trabalho pode realizar.

Diante desses fatores, observamos que o trabalho está relacionado diretamente não só à vida das mulheres, mas à família no geral. Desse modo, o trabalho feminino tem sido uma obrigação decorrente das necessidades que se inserem às precárias condições econômicas de vida das famílias. Barbosa (2012) destaca que o acesso da mulher no mercado de trabalho não é exclusividade da vida moderna, mas uma realidade que sempre esteve presente para as mulheres pobres, aquelas abandonadas pelos seus companheiros, ou dependentes do baixo salário e pelo sustento da família, não tendo, assim outra opção além de recorrer ao trabalho.

Sabemos que existem diversos fatores que propiciam o abandono escolar, dentre eles a necessidade de trabalhar cedo, o desinteresse, a maternidade, o casamento, conflitos familiares entre vários outros. Segundo as autoras Barbosa (2012) e Oliveira (2013) um dos principais motivos está associado à realidade econômica e à necessidade de sobrevivência, em que muitos jovens acabam tendo que trabalhar muito cedo para complementar a renda familiar, que muitas vezes são trabalhos precários e pesados.

Diante dessas situações, Mara aponta que uma das maiores dificuldades enfrentadas estava relacionada ao transporte escolar, pois este muitas vezes quebrava e quando isso acontecia raramente podia ir a pé, pois ficava distante, já que morava no sítio.

"O ônibus às vezes quebrava e a gente nem sabia, ficávamos esperando e nada".

"Difícilmente quando quebrava íamos a pé, quando isso acontecia era horrível, porque ficava um pouco distante era cansativo e os meninos que eram menores choravam com fome no sol quente".

Chegando por esse motivo a perder um ano de escola quando fazia a quarta série, pois perdia muita matéria e não conseguia acompanhar. Outros problemas foram mencionados, com a falta de material escolar, pois não tinha tantas condições de comprar:

"Pra não ficar sem escrever minha mãe fazia um esforço por mim e meus irmãos e comprava um caderno e uns lápis, porque os materiais que ganhávamos na escola demoravam a chegar, às vezes já estávamos até no meio do ano".

A doença (crises de labirintite) fez também com que ela perdesse a segunda série, deixando-a muito triste, pois ela comenta que em nenhum momento teve ajuda da professora "nojenta" na sala de aula até pelo contrário nos momentos de crise ela dizia que ela estava inventando e pela falta de paciência ou apoio ou influência de amizades parou na sétima série, ela narra que: "queria se divertir com as amigas".

Quando cursava entre a quinta e a sétima série trabalhava como babá na cidade de Nova Floresta, fazendo EJA durante a noite na mesma cidade, porém só

com Kruppa (2005), essa valorização ajuda a transformar a vida desses sujeitos, tanto na questão pessoal como profissional.

Com o passar do tempo, Mara fez um curso de capacitação para se aprimorar no seu trabalho e ter em mãos um certificado. Ela afirma que foi pegando gosto pelo que fazia e tornou-se uma excelente profissional, dizendo ainda mais que só pára de fazer unhas quando não aguentar mais. Durante nossa conversa ela comenta que um dos seus sonhos era fazer um curso de podólogo e um curso de enfermagem. Sentindo-se muito otimista com relação a isso.

Com relação ao seu trabalho, Mara conta que não era satisfeita com o dinheiro que recebia e a forma que esse dinheiro era repartido entre elas, no entanto não achava conveniente, pois ela só recebia 50%, sendo o restante para dona do salão, já que esta entrava com os gastos dos produtos não tendo trabalho algum. Desse modo, podemos dizer que esse trabalho não atende a alguns princípios da Economia Solidária, pois de acordo com Singer (2002), essa economia deve ocorrer de forma justa e igualitária, o que não ocorre, pois não atende às necessidades de todos, e o trabalho não acontece de forma coletiva.

“Eu queria ganhar bem mais, porque eu quem ficava sentada o dia todo na cadeira fazendo unhas e ela não tinha nenhum trabalho e ganhava a mesma coisa, não achava justo...quero trabalhar só pra mim!”

Outro ponto é a questão da autogestão, sendo esta uma forma em que todos participam e contribuem com decisões e escolhas para o fortalecimento do grupo. Isto é o que muitas vezes não acontecia no trabalho de Mara. As decisões sempre eram tomadas pela dona do salão, porém Mara sempre dava sua opinião, mas não eram tão consideradas. Isso nos remete a figura de patrão e empregado, onde um manda e o outro obedece. Segundo Arruda (2005), isso acaba desfavorecendo e prejudicando assim o grupo, pois tudo fica centralizado em um só indivíduo.

Mara, não achando adequado esse tipo de acordo, resolveu trabalhar por conta própria para assim evitar atritos, já que não teve nenhum tipo de acordo, mas ao mesmo tempo se sente muito grata, pois a partir de sua cunhada, ganhou uma profissão na qual se sente realizada. Mesmo recebendo todo o dinheiro, este não era suficiente e para aumentar sua renda resolveu trabalhar também como doméstica, sendo este também o emprego atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da narrativa de vida, concluí que Mara não teve uma vida fácil, mas não tão sofrida quando comparada com outros alunos de diferentes trabalhos citados. Ela sempre se mostrou forte e batalhadora diante das circunstâncias da vida, não tendo medo de viver novas experiências.

Ao analisar os motivos do abandono escolar dessa jovem, percebe-se a essência de diversos fatores que impediram a permanência na escola, que estão além da questão de inclusão no mercado de trabalho. Cabe destacar as seguintes situações específicas identificadas na entrevista: transporte escolar, doença, influências de amizades, falta de interesse e paciência. Com a identificação desses fatores, percebemos que alguns desses foram construídos por ela mesma, embora ela não tenha tido nenhum tipo de arrependimento. No entanto, apesar de não ter passado muito tempo fora da escola, o retorno escolar estaria associado à vontade de terminar os estudos e ter em suas mãos o diploma, isso com ajuda de seus colegas, professores e familiares, como também de poder fazer um curso técnico e chegar a ter uma profissão mais valorizada.

Quanto a questão do ambiente de trabalho, foi significativo com relação à aprendizagem de valores adquiridos que foram sendo repassados no seu dia a dia como também em cursos profissionalizantes. Isto proporcionou uma maior autoconfiança e melhorou sua autoestima, pois conseguia conciliar seu trabalho com os estudos. A inclusão dela no trabalho informal permitiu mostrar seu potencial que até então ela não conhecia e possibilitou sua renda. Porém, não atendeu alguns dos princípios da Economia Solidária, já que no seu meio, o trabalho não acontecia de forma justa e igualitária, havendo desigualdades e diferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AJALA, Michelle Cristina. **Aluno EJA: motivos de abandono e retorno escolar na modalidade EJA e expectativas pós EJA em Santa Helena-PR.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira. 2011.

ARRUDA, Alyanna Priscilla Barbosa. **A economia solidária na educação de jovens e adultos.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2014.

ARRUDA, Marcos. Redes, educação e Economia Solidária: novas formas de pensar e educação de jovens e adultos. In: KRUPPA, Sonia Maria Portella (Org). **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos.** Brasília: Inep, 2005. p.31 - 40.

BARBOSA, Ana Rita. **Os impactos da educação de jovens e adultos na vida de mulheres no município de Barra de Santana.** 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero > Comunicações Orais, 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/252-27-04-16>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

BARRETO, Vera; ALVARES, Sônia Carbonell; COSTA, Elisabete; **Alunas e alunos da EJA: trabalhando com a educação de jovens e adultos.** Brasília: MEC, 2005. p.50.

BASTIANI, Décia Maria. **Perfil e desafios dos alunos da educação de jovens e adultos do município de Santa Helena-PR.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira. 2011.

BERTUCCI, Ademar; LIMA, Claudia; TYGEL Daniel; NAGEM, Fernanda; AMORIM, Rizoneide; SOUZA, Robson Patrocínio; KIRSCH, Rosana; SILVA, Shirlei. Por que outra economia? In _____ (org). **ECONOMIA SOLIDÁRIA: Outra economia a serviço da vida acontece.** Brasília, 2010. Parte I. p.07 - 17.

BRASIL, Governo Federal. **Informações da SENAES** (Secretaria nacional de Economia Solidária). MTE (Ministério do Trabalho e Emprego). Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/trabalhador-economia-solidaria/o-que-e->>. Acesso em: 06 out. 2016.

BUENO, Francisca Isabel da Silva. **A importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra.** Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto, 2008.

CARDOSO, Karliette da Silva, SOARES, NELEYDE Lustosa, CLAUSS Edlamar M. F. **As mulheres nas turmas de ensino fundamental de adultos: quem são estas**

discentes? 2015. Disponível em: http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/12cb9b42734072c245f1c8e89d47dd17.pdf. Acesso em: 21 set. 2016.

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. **Evasão escolar: causas e consequências**. 2008. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/242-4.pdf? Acesso em 21 set. 2016.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; GUIRAULD, Luciene. Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 671 - 687, set/dez. 2009.

COSTA, Bianca Lima. **Em busca de autonomia: a trajetória de mulheres na economia solidária**. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

COSTA, Ramilton Marinho LIMA; Maria Aparecida Oliveira. Contribuições no processo sócio-educativo dos pescadores da Associação de Pescadores do açude Boqueirão do Cais, Cuité-PB. In: MORAIS, Crislene Rodrigues da Silva; CONCEIÇÃO, Marta Maria (Org). **Educação de jovens e adultos e economia solidária**. Fortaleza, CE. RDS editora, 2015.p. 50 - 64.

DIGIÁCOMO, Murillo José. **Evasão Escolar: não basta comunicar e as mãos lavar**. 2013. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=825>. Acesso em: 23 set. 2016.

FERRARINI, Adriane Vierira; ADAMS, Telmo. A educação popular na formação de trabalhadores da economia solidária: avanços políticos e desafios pedagógicos. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 212 - 221, maio/ago. 2015

FERRARI, Shirley Costa. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** 2011. Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf. Acesso em: 28 abr. 2016.

FERREIRA, Shirley Lopes; FERREIRA, Daniela Maria; SILVA, Shirley Ângela. **A expectativa dos alunos da educação de jovens e adultos (EJA) com relação à educação para o trabalho**. 2011. Disponível em: https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/a%20expectativa%20dos%20alunos%20da%20educacao%20de%20jovens%20e%20adultos.pdf. Acesso em: 27 abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KAUTSCHER, Paulo. Educação popular. 2010. Disponível em: <http://advivo.com.br/blog/paulo-kautscher/educacao-popular>. Acesso em: 26 out. 2016.

UFMG/BIBLIOTECA

KRUPPA, Sonia Maria Portella Paul. Uma outra economia pode acontecer na educação: para além da Teoria do Capital Humano. In: _____(Org). **Economia solidária e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Inep/MEC, 2005. p.21 - 30.

LOURENÇO, Janildo Silva; FERNANDES, Dorgival Gonçalves. A evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos no município de Cajazeiras: considerações docentes. In: MORAIS, Crislene Rodrigues da Silva; ARAÚJO, Edinaura Almeida de (Org). **Educação de jovens e adultos e economia solidária**. Fortaleza, CE. RDS editora, 2015.p. 38 - 49.

LUCENA, Maria Gilsivania; BORBA, Valéria Maria de Lima. EJA e a prática da sustentabilidade como instrumento para a Economia Solidária: experiências dos sócios da ASCAMARC. In: MORAIS, Crislene Rodrigues da Silva; ARAÚJO, Edinaura Almeida de (Org). **Educação de jovens e adultos e economia solidária**. Fortaleza, CE. RDS editora, 2015.p. 160 - 174.

MACIEL, Karen de Fatima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326 - 344, jul./dez. 2011.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski Senna. **História oral como fonte: problemas e métodos**, *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1); 95 - 108, 2011.

MELO, Valcira Catarina; ARAÚJO, Edinaura Almeida. A formação do professor da EJA numa perspectiva de Economia Solidária. In: In: MORAIS, Crislene Rodrigues da Silva; ARAÚJO, Edinaura Almeida (Org). **Educação de jovens e adultos e economia solidária**. Fortaleza, CE. RDS editora, 2015.p. 50 - 66

MONTEIRO, Adriana Lima; MOURA Ana Paula Monteiro. **A história identitária dos alunos da eja e o perfil do profissional que atua nessa modalidade**. IV Fórum Internacional de Pedagogia, Parnaíba – PI, 2014.

NOVAES, Henrique Tahan.; CASTRO, Maria Pereira. **Pedagogia E Autogestão: Reflexões E Socialização Da Experiência Do Projeto Cefs-Co** (Org). Ed. Cooperativa Catarse - Coletivo de Comunicação. Brasília. 2012. p. 11 – 28.

OLIVEIRA, Aline Benedita Teixeira; LIMA, Martha Barbosa; PINTO, Eliane Aparecida Toledo. **Educação de jovens e adultos (eja): Perspectivas metodológicas e aprendizagem significativa**. Mimesis, Bauru, v. 33, n. 2, p. 181- 204, 2012.

PAULILLO, Maria Angela Silveira. Pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v.2, n. 2, p.135-148, 1999. Disponível em: <<http://www.ssrevista.uel.br/n1v2.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

RAMOS, Alyson Thiago Almeida. **Mulheres na economia solidária: uma alternativa de inserção social ao mercado de trabalho**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 07 a 10 de agosto de 2011, Salvador - Bahia.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais:** testemunhos, trajetórias de vida e história. Departamento de história. Universidade Federal do Paraná. 2000.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade. **“Conte-me sua história”:** reflexões sobre o método de história de vida. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, vol. I nº 1, p. 25 – 35, 2007.

SILVA, Hérica Fotes da Silva. **As causas da evasão escolar:** um estudo de caso numa unidade de ensino da rede municipal de Itupiranga - Pará nos anos de 2013 e 2014. XII Congresso Nacional de Educação, 26 a 29 de outubro de 2015, Itupiranga – Pará.

SINGER, Paul. A Economia Solidária como Ato Pedagógico. In: KRUPPA, Sonia Maria Portella (Org). **Economia solidária e Educação de Jovens e Adultos.** Brasília: Inep, 2005. p.13 - 20.

SINGER, Paul. **Introdução a Economia Solidária.** Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2002.

SOARES, Maria Aparecida Fontes. **Perfil do aluno da EJA / médio na escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima.** Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos) - Universidade Federal da Paraíba, Bananeiras. 2007.

SOUSA, Maria Aparecida Pereira; LIMA, Maria Janete. As concepções dos alunos egressos da Educação de Jovens e Adultos sobre Economia Solidária. In: MORAIS, Crislene Rodrigues da Silva; ARAÚJO, Edinaura Almeida de (Org). **Educação de jovens e adultos e economia solidária.** Fortaleza, CE. RDS editora, 2015.p. 108 - 122.

SOUSA, Veridyane Alves de. **A Economia Solidária e a Educação Popular.** Relatos de Experiências em uma Associação no Distrito Federal. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília. 2014.

OLIVEIRA, Salete Luciana. **Narrativas de vida de estudantes da EJA.** Trabalho de conclusão de curso (Pós Graduação em Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade) Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

ZITKOSKI, Jaime José. Educação popular e economia solidária: um diálogo possível e necessário. **Diálogo**, Canoas, n. 17,p. 97 - 106, jul./dez. 2010.

APENDICE 1: ROTEIRO

1. Qual o seu nome?
2. Local onde mora?
3. Como é a convivência com sua família?
4. Qual o tipo de trabalho dos seus pais?
5. Quando começou a estudar?
6. Como foi sua infância na escola?
7. Você passou por algum problema ou dificuldade no período escolar? Se sim, quais?
8. Você abandonou a escola em algum momento da sua vida? Se sim, quando e por quê?
9. O que os estudos te proporcionaram na vida?
10. Quando começou a trabalhar?
11. Qual o seu tipo de trabalho?
12. Você chegou a estudar e trabalhar ao mesmo tempo? Se sim, por qual motivo?
13. Você teve alguma capacitação no seu trabalho?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES/CUITÉ
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é ERLEYSY RIANNY AZEVEDO SANTOS e gostaria de conversar com a senhora sobre uma pesquisa que estamos fazendo pela UFCG. Um dos objetivos desta pesquisa é analisar conceitos de Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária, a partir da história de vida narrada por uma ex-aluna de EJA da cidade de Cuité-PB. Procura mostrar a realidade e experiências vivenciadas que ocorreram no passado até os dias atuais.

Caso concorde em participar da pesquisa, será realizada uma entrevista semidirigida com a senhora, onde serão perguntadas informações sobre sua história pessoal e profissional.

Este trabalho está sendo realizado pela Universidade Federal de Campina Grande, sob o título **“História De Vida De Uma Ex-Aluna De Eja: Experiências Vividas, Educação E Trabalho”** e não tem nenhuma relação com governo ou outra instituição. Nossa finalidade única é obter informações sobre a realidade vivenciada de uma ex-aluna de EJA, e, dessa forma, a participação da senhora não implica em nenhum benefício material como o recebimento de doações de alimentos ou a inclusão em programas governamentais.

A senhora não é obrigada a participar da pesquisa e se não participar isto não vai lhe trazer prejuízos. A senhora poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo.

Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados em revistas científicas, mas com a garantia de que, em nenhuma circunstância, as identidades dos entrevistados serão identificadas.

Se todas as suas dúvidas foram esclarecidas, pedimos o seu consentimento para incluí-la como participante da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, pode entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

Responsável pela Pesquisa

Erleysy Rianny Azevedo Santos

Orientadora da Pesquisa

Prof^ª Dra. Leticia Caporlingua Giesta

Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Educação e Saúde /Unidade Acadêmica de Educação Tel: (83) 3372-1900

AUTORIZAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar da pesquisa **“História De Vida De Uma Ex-Aluna De Eja: Experiências Vividas, Educação E Trabalho”** e com a publicação dos resultados.

_____, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do entrevistador

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura da testemunha